

— Dá tchau pro trem...!

Nelson Di Francesco

Disponível em: <http://www.bancadenoticias.com.br/adm/clientes/img/img_original/212.jpg>.



Quase tudo o que se refere a TREM é saudoso, triste, melancólico.

O paradoxo está na viagem, propriamente dita, que quase sempre é alegre, gostosa, de aprendizado, tal qual as inúmeras que fiz, quer seja atravessando os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Paraná, ou mesmo em outros países.

Quais serão as causas, então, dessa nostalgia?

Não quero discorrer sobre detalhes porque ferrovias são um assunto longo demais, contendo situações vivenciadas que fariam uma estátua se emocionar.

Uma das causas, imagino, é que você consegue comprar e conduzir como e para onde quiser, praticamente, todos os meios de transporte: charretes, carros de boi, automóveis, ônibus, bicicletas, motos, caminhões, aviões (os jatinhos particulares), helicópteros, todas as embarcações fluviais,

jangadas, canoas, lanchas, barcos, veleiros, iates, e por aí vai, mas não pode fazer isso com o TREM. Exceções excêntricas (que devem existir) à parte, o trem não pode ser seu. Ele é complexo. Pode não aparentar, mas é.

Isso o torna indomável! E você precisa obedecer às regras que ele determina. Muitos dos meios de locomoção citados estão disponíveis. O trem não.

No Brasil, praticamente toda a malha ferroviária que transportava passageiros foi cruelmente extinta. Durou pouco mais de 100 anos. Progresso. Apogeu. Decadência. Abandono...

Hoje, o que restou foi transformado e adaptado para o transporte particular de cargas, principalmente minérios, cimento e soja.

Exceções feitas às duas linhas mantidas pela Companhia Vale do Rio Doce (ou apenas Vale): Belo Horizonte-MG até Vitória-ES e São Luís-MA até a cidade de Parauapebas, no Pará, em plena Serra dos Carajás, quase todo o restante é de curtos trajetos operando no transporte de turistas. Somem-se a isso museus ferroviários que resistem preservados para o deleite dos saudosistas e historiadores.

O que sobrou (ferrovias, locomotivas, carros de passageiros, vagões de carga e oficinas) sofre com o descaso. Estações ferroviárias abandonadas, em ruínas, transmitem um “silêncio gritante”. Urram.

Ver o TREM passar dói. A própria linha férrea vazia transmite desolação. Somos impulsionados mecanicamente a acenar para o TREM. Observe que disse “para o trem” e não para os passageiros e/ou turistas desconhecidos.

Não apenas as crianças, mas os adultos também acenam para a maria-fumaça. É quase sempre um doloroso aceno, misto de adeus com saudades; acanhado e envergonhado muitas vezes, porque a vontade seria gritar, sair correndo atrás, conversar com ELE, falar qualquer coisa. Passar a mão.

Dói, sobremaneira, perceber quando são velhas senhoras que saem às janelas ou param junto à porta de suas casas, naquele horário preciso, e acenam com o olhar nublado, perdido no nada, ou recordando de tudo...

— Eles param pra ver. Isso é fantástico! Foi o comentário de um pai de família, feito ao acaso, enquanto carregava seu filho de 4 anos, agora no mês de março 2014, dentro do trem turístico a caminho da mineira cidade de Tiradentes. Eu estava lá, mais uma vez, quase apenas para viajar de “Maria Fumaça”.

— Dá tchau pro trem, dá tchau pro trem! Dizem os pais à beira dos trilhos para as suas crianças que ainda não sabem exatamente o que é aquilo passante (são os pais, contudo, que extasiados, gostariam de protagonizar outras cenas impossíveis...).

Muito bem descreve a historiadora Andréa Casa Nova Maia, no livro *Encontros e Despedidas — História de Ferrovias e Ferroviários: “A emoção de ver o trem passando e apitando... Essas lembranças, revividas a cada frase buscada no fundo do tempo, formam a trama que prende, não só os ferroviários, mas todos nós, invisivelmente ao passado...”* Lindo!

Incertezas na hora da partida, ou a certeza de que nunca mais retornaremos.

Alguém ficou na estação, e observa:

A pobre estaçãozinha em sua cor amarelo desbotado, mantendo no alto o nome e a data da construção/inauguração;

O guichê fechado e escrito junto à janela: BILHETERIA;
Armazéns com suas portas lacradas;

Os trilhos enferrujados, dormentes e britas escurecidos pelo implacável tempo, junto ao mato crescente;

O final da curta plataforma, um pouco esburacada, contendo o comprido e velho banco de madeira, agora vazio.

No mais, o cenário de um final de tarde com dia nublado e quieto. Nem os pássaros cantam naquele lugar.

E quem passa por lá não resiste: olha para a esquerda, olha para a direita, como se quisesse dizer: — ELE vai voltar...

Dá vontade de chorar...

Mexer em vespeiros

Jenner Cruz

Desta vez, pretendo mexer num grande vespeiro.

Quando era estudante de Medicina, tive oportunidade de mexer em um verdadeiro vespeiro. Na hora do almoço, no intervalo das aulas, fui com uma colega, minha atual esposa, namorar nos jardins da Faculdade. Naquela época existiam plantas e um pequeno lago nesse local, que agora é um grande estacionamento de veículos. Ficamos na margem do lago. Eu jogava pequenas pedrinhas na água e admirávamos as ondas em círculo que elas faziam. Uma vez, errei a pontaria, e a pedra caiu do outro lado do lago, onde eu não sabia que havia um vespeiro. Os insetos vieram rapidamente sobre mim e picaram, principalmente meu pescoço, em vários lugares, formando muitas pápulas bastante doloridas. Felizmente, elas sabiam que eu dera a pedrada, não alérgico a seu veneno, e não minha colega, alérgica a pulgas e vários insetos.

Imediatamente procuramos o Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas, que ficava perto, bastando atravessar a rua. Naquele tempo, o pronto-socorro tinha, no carrinho de curativos: éter, benzina e amoníaco. Medicamentos proibidos atualmente. O médico chefe de Clínica Médica, cujo nome não recordo, mandou passar amoníaco nas ferroadas, com um chumaço de algodão. Santa medida, não só as lesões pararam de doer, como as pápulas diminuíram de tamanho e à noite sumiram. Não sei se ele estava certo e se o amoníaco é o melhor remédio para isso porque nunca mais tive oportunidade de testar.

Mas o vespeiro atual é outro.

Julgo que o Brasil começou a crescer durante o governo do Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Quando ele deixou a Presidência, entrou Jânio da Silva Quadros prometendo passar sua vassoura e varrer a corrupção que assolava o país, principalmente decorrente da construção de Brasília, obra importantíssima, responsável pela interiorização de nossa Pátria.

Jânio queria fazer reformas, mas, sete meses após sua posse, homenageou, em 19 de agosto de 1961, com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, Ernesto “Che” Guevara de La Serna, médico argentino, grande líder guerrilheiro, companheiro de Fidel Castro na revolução cubana de 1953 a 1959, o maior responsável pela criação dos centros de assassinato, por motivos políticos em Cuba, e em querer disseminar o comunis-

mo por toda a América do Sul. A revolta dos brasileiros, que não queriam ser comunistas e não compactuavam com essa homenagem, deve ter sido um dos motivos que levaram Jânio a solicitar, seis dias após, sua renúncia ao cargo de Presidente do Brasil. Não sabemos se com essa medida ele queria dar um golpe e reassumir a presidência, nos braços do povo que o elegera, com mais de 2 milhões de votos, ou queria voltar com plenos poderes, que até então não possuía. Talvez não esperasse que sua carta-renúncia fosse efetivamente entregue no mesmo dia ao Congresso, que prontamente a aceitara.

Assumi o vice, João (Jango) Belchior Marques Goulart, do PTB, rico fazendeiro de São Borja, cuja família fizera fortuna associando-se a Protasio Dornelles Vargas, irmão de Getúlio Vargas. Naquela época, votava-se o vice separado do presidente. O vice de Jânio fora Milton Campos, da União Democrática Nacional.

Um intervalo. O mundo estava dividido. Um total de 30 países da Europa, até a Alemanha Oriental, haviam sido engolidos pela Rússia comunista. Os que tentavam escapar eram invadidos e massacrados. Cuba era financiada pela Rússia. Soldados cubanos combatiam na África querendo transformá-la em um continente da esquerda. Com apoio e subvenção da Rússia, no início da década de 1960, havia em Cuba várias escolas para doutrinar latino-americanos, entre os quais, muitos brasileiros, ensinando subvenção, sabotagem e crimes urbanos. Vários deles, que hoje se dizem democratas, continuam amigos de Fidel Castro e enviam recursos para Cuba.

Em 1964, os mapas de Moscou, Havana e Pequim, já mostravam um Brasil comunista. Genocídios na China, Vietnã, Cambodja e Coreia do Norte. Essas ditaduras fuzilavam sumariamente quem fosse da oposição ou qualquer pessoa indesejável ao regime.

O Jango, a UNE e o Congresso agiam como comunistas. O Ministro da Educação e Chefe da Casa Civil do Presidente, Darcy Ribeiro, resolveu fazer reformas de base criando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, editando cartilhas para o curso primário em que se ensinava o ódio aos burgueses.

Em 13 de março de 1964, 100 mil trabalhadores reuniram-se ao lado da Central do Brasil, no Rio, pregando o Brasil dos operários, dos camponeses e dos sargentos, sob a coordenação de Jango e de seu cunhado Brizola. Em resposta, dia 19 de março

de 1964, houve em São Paulo, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, da qual participei, com mais do dobro de participantes da manifestação carioca. Na frente, D. Leonor Mendes de Barros, esposa do governador, e o padre Calzans e no céu, em um helicóptero, o governador Adhemar Pereira de Barros. Foi um protesto como devem ser os protestos: inteiramente pacífico, sem algazarras, sem vandalismo e sem mascarados.

Em 31 de março, veio a revolta dos civis e militares brasileiros, que haviam lutado na Segunda Grande Guerra contra a ditadura da direita, de Hitler. Tratava-se de evitar que o Brasil entrasse em um mundo mau, sem volta. Por esse motivo tanta gente entrou nessa luta. A maioria esmagadora do povo, da época, apoiou-a.

A ditadura militar foi ótima para aqueles que estavam trabalhando, sem se intrometer na política, querendo apenas progredir e criar um mundo melhor para seus filhos. O Brasil chegou a crescer, mais do que a China atual, com um PIB de 14%. Foi a esquerda armada que obrigou que um movimento, inicialmente pacífico, transformasse-se em uma ditadura.

Por que não sou comunista?

Primeiro porque quem acredita em um Deus, qualquer que seja sua religião, deve saber que Deus não é comunista. Se fosse, ele não criaria homens e animais com o senso inato da propriedade. Uma das primeiras palavras de uma criança é: isto é meu. Negar o direito à propriedade é uma violência. Em segundo lugar, as primeiras grandes nações comunistas, Rússia e China, compreenderam isso e já deixaram de ser comunistas.

O mundo vive um progresso fantástico, em ciências, em medicina e em tudo. Uma nação para ser grande tem de incentivar aqueles que agem e criam, e também deixar que seus habitantes possam ser muito ricos, desde que essa riqueza seja fruto de trabalho honesto, ou também de sorte. Não se pode coibir o lucro. O lucro faz parte do progresso. Não se pode impedir que seus habitantes tenham dinheiro sobrando. São esses que fazem uma Nação. Anulá-los é matar as galinhas de ovos de ouro. No serviço público é o oposto. O salário máximo de um servidor público, inclusive do Presidente da República, nunca deveria ser maior que 20 vezes o salário mínimo.

Não se deve temer que muitos fiquem muito ricos, e sim aplaudir. As grandes riquezas geralmente desaparecem em duas ou três gerações. Como diz o velho ditado: “Pais ricos, filhos nobres, netos pobres.”

Um médico, Prof. Dr. Kurt Kloetzel, formado em 1955 pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Prof. Titular do Departamento de Medicina Social e Comunitária da Universidade Federal de Pelotas, narrou um fato muito interessante, em uma revista de um laboratório médico. Ao visitar Israel, berço de sua religião, foi à Universidade de Tel Aviv procurando

ser recebido por um professor de sua matéria. Foi muito bem acolhido. Quando estavam conversando, chegou uma servidora trazendo um cafezinho. Após ela ter saído, o israelita falou: — Está vendo essa senhora? Ela ganha um terço do que eu recebo. Não advogo diferenças tão grandes, 20 vezes é mais correto.

Não estou de acordo em dar terras para pessoas que nada fazem. Depois das terras, vão querer financiamento — só falta quererem um empregado para cultivar essa propriedade. Com essa distribuição de terras, criaremos milhares de Jecas Tatus do saudoso Monteiro Lobato. A agricultura precisa de produção, e não de demagogia.

Com as terras indígenas acontece o mesmo. Alguns moram com os índios, mas não são índios. Minhas avós são descendentes de portugueses com índias; os meus avôs, apenas de imigrantes portugueses. Devíamos estimular os indígenas a entrarem na civilização, mudando seus hábitos.

São Paulo tem uma grande população vivendo na rua. Algumas entidades agem como se fazer caridade fosse fornecer-lhe cobertores para combater o frio da noite e sopa no fim da tarde, apenas para que os moradores de rua continuem a gostar de viver no relento, fazendo as pessoas que possuem casas sentir vergonha de tê-las conseguido.

Na minha infância, em Mogi das Cruzes, não havia pessoas morando na rua. Na escola, as cartilhas ensinavam bondade, trabalho e justiça. Acreditava-se que, no Brasil, todos que estudassem e trabalhassem teriam possibilidade de progredir. Recebemos imigrantes de várias procedências, origens e credos. A maior parte progrediu, e mesmo os imigrantes analfabetos enviavam os filhos, desde cedo, para a escola. Os filhos dos analfabetos brasileiros, camponeses ou não, quase não estudam. Temos 25% de nossos jovens, “nem-nem”: nem trabalham e nem estudam. O que fazem? Boa coisa não é. O trabalho social para corrigir essas monstruosidades é imenso, mas não devemos esquecer de nossas galinhas que produzem ovos de ouro. China e Rússia já viram que sem elas anda-se para trás.

Fui educado por uma família da direita, porém a vida me ensinou que a virtude estava no meio. Hoje me considero um social-democrata, um pouco mais à esquerda, que luta para corrigir as desigualdades, ampliando a educação, a assistência médica e o emprego bem remunerado, sem esquecer de dar grande apoio às pessoas que têm graves deficiências físicas ou mentais.

Finalmente, a sociedade brasileira tem de ter regras, diretrizes e, sobretudo, ORDEM, porque sem ORDEM não há PROGRESSO.

Jenner Cruz

Membro Emérito da Academia de Medicina de São Paulo

A Pensão

José Hugo de Lins Pessoa

Ontem, para fugir do congestionamento, tomei um atalho pela Rua Arthur Prado. Eu conhecia o caminho. Vivi nessa rua quando era jovem. Procurei, instintivamente, a velha casa no número 231, conhecida como “a pensão do Paulo”. Em seu lugar existe agora um grande prédio de apartamentos. Fiquei algo decepcionado, roubaram um referencial da minha vida. Parei o carro, lembrei o passado. O objetivo de lembrar o passado não é procurar a “felicidade perdida”, mas procurar a nossa história, a nossa biografia. Kierkegaard ensinou que “para viver a vida é preciso olhar para frente, mas para compreender a vida é preciso olhar o passado”.

Estava mudando de cidade e ia começar minha vida de adulto quando cheguei a essa rua. Recém-saído da adolescência, trazia inúmeros sonhos e medos. Era preciso enfrentar o desafio de terminar a vida de estudante e construir projetos para o futuro. Morei na “pensão do Paulo”, uma casa grande que abrigava umas 14 pessoas, durante quase dois anos. O quarto, individual, comportava uma cama, uma mesa, uma cadeira e um pequeno guarda-roupa, os livros ficavam empilhados no chão. Havia dois banheiros que, pela manhã, eram disputados. O preço era justo, mas não podia atrasar o pagamento.

Como não tinha telefone, que além de raro era muito caro, a chegada de cartas era um momento esperado por todos. Pergunta rotineira no final da tarde era: — Tem correio para mim? Hoje ninguém acredita ser possível namorar pelo correio. Como já disse o poeta: “todas as cartas de amor são ridículas, não seriam de amor se não fossem ridículas”. Quando havia fotografias dentro das cartas, era um momento de grande emoção. Como se fosse a visita da felicidade. Na verdade, todas as adolescências se parecem, mas são infinitamente diversas.

Aqueles foram anos estratégicos para o rumo definitivo da minha vida. Cada época tem suas próprias circunstâncias e sua própria razão. Foi preciso enfrentar inúmeras dificuldades no desafio de quem muda de cidade. Mas nada a reclamar, é certo que temos de encontrar nosso próprio caminho. Foi um tempo de grande aprendizado. Hoje, re-

conheço que esses anos ajudaram a solidificar os alicerces da minha formação. Entre outras, a grande lição que aprendi nesse tempo foi procurar uma visão eclética da vida.

Da inocência da nossa juventude é que vamos buscar o sentimento de saudade dos tempos vividos. Na juventude é que se inventa o mundo. A nossa geração foi caracterizada pelo vento de mudanças em todas as áreas. Era preciso estar à altura desse tempo. À noite, antes de dormir, eu fazia projetos que procuravam traçar caminhos para o futuro, muitos deles nunca foram percorridos. Exauri minhas forças antes de conseguir realizar todos aqueles projetos imaginados. E, mesmo que hoje me voltassem grandes ideias, suspeito que, diferentemente daqueles dias, não teria mais tempo para realizá-las.

Diante do prédio construído no espaço em que vivi algum tempo, percebo que o vínculo de um homem com o seu passado não é uma casa ou qualquer outra coisa física. Todas as coisas, assim como os lugares e as pessoas, transformam-se com o passar do tempo, ou desaparecem da nossa vida. Vivemos despedindo-nos sempre. O vínculo com o passado é aquilo que fica na nossa memória. Todos nós precisamos cultivar de forma autêntica as presenças elementares — pessoas, ideias, circunstâncias — que compõem a nossa identidade, a nossa cultura. Delas depende tudo, tudo que faz o ser humano. O homem sem memória da sua própria história ficará perdido no deserto.

A saudade que sentimos do passado é a saudade de nós mesmos mais jovens. Mas o vínculo que nos une ao que éramos quando jovens pode nos revigorar para o que sere-mos amanhã. Afinal, apesar das muitas modificações impregnadas pelo ambiente, pelo passar do tempo, nascemos, crescemos e morremos com o mesmo DNA. Quando, em qualquer idade, relembremos a nossa trajetória, descobrimos os ciclos da vida. E continuamos, porque a história só acaba com o fim do homem.

José Hugo de Lins Pessoa
Médico e escritor

A equação (compartilhar = perigoⁿ) está correta?

Pedro Luiz Squilacci Leme

“Senhor atira bem, porque atira com o espírito.
Sempre o espírito é que acerta...
Soante que dissesse: sempre o espírito é que mata...”
Grande Sertão: Veredas

Guimarães Rosa, em seu épico livro, colocou nas falas dos personagens frases de grande beleza, que nos ajudam a refletir sobre várias situações. Possivelmente todos já tivemos a impressão de “estar no local certo, na hora certa e ter dito a coisa errada”, ou durante uma acalorada troca de argumentos, literalmente esgrimindo com palavras, ter a sensação de ferir ou ser ferido por uma única frase e, recolhidas as armas, meditar sobre a dor provocada ou sentida. Com o passar dos anos de vida, acumulamos vários ferimentos na alma.

Atualmente, com a rapidez da comunicação entre as pessoas, caracteres digitados ou imagens postadas, muitas vezes, tomaram o lugar dos clássicos embates verbais, mas justamente a pressa na troca de informações impede certa reflexão sobre o que está sendo escrito ou mostrado. Todos sabem de situações embaraçosas provocadas por esta “velocidade insana” com que as informações precisam ser compartilhadas e comentadas, assim como a falta de preocupação com a privacidade própria e a alheia leva a uma exposição desnecessária e, muitas vezes, problemática. Fotos feitas na intimidade são maldosamente divulgadas sem nenhum pudor, destruindo reputações e provocando grande constrangimento pessoal e familiar.

Imagens captadas durante reuniões com amigos ou eventos sociais são enviadas em segundos a várias pessoas, muitas delas estranhas a alguns integrantes do grupo. Adultos, pretensamente na idade da maturidade, agem narcisistamente, permitindo uma exposição desconfortável e descabida. As tão propaladas redes sociais potencializaram os riscos de expor opiniões de forma impensada e inconsequente, aumentando os perigos da “multiplicação viral” de assuntos banais, que

podem acarretar sérios prejuízos em ambientes de trabalho ou de convivência. Há anos, os riscos de exposição deletéria eram mais restritos às tolas festas de final de ano nas empresas, hoje são diários. A correspondência eletrônica pode ser transformada em transtornos desconcertantes, inclusive com implicações jurídicas.

Vários fatos verídicos podem ser elencados para ilustrar essas afirmações, mas posso relatar duas situações que presenciei recentemente: uma jovem mãe de um garoto ligou para o consultório de sua pediatra de muitos anos, sendo informada que a doutora estava de férias, mas que outro médico a estava substituindo naquele período; a mãe agendou a consulta, mas antes de entregar o filho aos cuidados de um desconhecido, realizou uma busca por meios eletrônicos com o nome do profissional, encontrando fotos e situações descritas em seu “perfil” que na avaliação da mãe não o qualificavam para atender uma criança. Gentilmente desmarcou a consulta, preferindo aguardar o retorno da médica. Um profissional com quem eu trabalhava foi afastado temporariamente com o diagnóstico de depressão, mas postou inúmeras imagens durante este período, que mais lembravam férias e esta participação nas “redes sociais” foi comentada por colegas. Ao retornar do afastamento foi desligado da instituição sem maiores explicações; coincidência ou não, ficou a dúvida se esta exposição contribuiu para a demissão. É bem conhecido o fato de que as empresas, atualmente, fazem uma pesquisa por meios eletrônicos antes de qualquer contratação e, quase com certeza, continuam acompanhando o funcionário em algumas situações.

Lúcia Guimarães, jornalista que escreve uma coluna semanal para um grande jornal de São Paulo, em texto inspirado utilizou termos interessantes como “tribunal de 140 caracteres”, “imolação digital”, “praça pública digital”. Comentando o livro escrito por Jon Ronson: *So You've Been Publicly Shamed* (Então, Você Foi Envergonhado em Público), em que é relatado o caso de um cidadão que contou uma piada com conteú-

do machista, ouvida por uma desconhecida sentada à sua frente, e esta postou nas redes sociais o ocorrido, fazendo com que ele perdesse o emprego dez minutos após. O homem, pai de três filhos e desesperado com a situação, contou sua história nas mídias digitais e a mulher passou a ser ameaçada de morte, também perdendo o emprego, final de história trágico para ambos por conta de uma situação totalmente descabida. A jornalista também teceu considerações sobre o anonimato das pessoas que participam dessas mídias e favorece a brutalidade das agressões, quando qualquer comentário postado muitas vezes é respondido de forma cruel.

Resta aos pouco afeitos a estas “modernidades” a perplexidade: como entender comportamentos tão estúpidos? Quem tem filhos maiores seguramente nunca imaginou que eles veriam, em pleno século XXI, a repetição de comportamentos que em outras épocas levaram muitos à fogueira ou à forca, quando a simples desconfiança ou má-fé por parte de membros da comunidade era suficiente para uma condenação brutal e sem direito à defesa. A velocidade necessária à troca de informações das gerações que têm enorme acesso à informação, mas não à formação dos indivíduos, que invariavelmente são expostos a situações que passam longe de filtros éticos ou morais, leva a graves distorções e sérios riscos: triste século!

O bom senso expressado em frases clássicas pinçadas da obra “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa, permanece atual e nos convida a pensar duas vezes antes de “teclar” os dispositivos eletrônicos, tão onipresentes atualmente:

“Não convém a gente levantar escândalo de começo; só aos poucos é que o escuro é claro”.

“Medo de errar. Sempre tive. Medo de errar é que é a minha paciência”.

“(...) no estado do viver, as coisas vão enqueridas com muita astúcia: um dia é todo para a esperança, o seguinte para a desolação”.

Em tempo: quando elevamos o **fator** perigo ao **expoente n** (de enésima potência: perigon), definimos que este **fator** pode ser repetido **n** vezes, portanto o **produto** possui **n fatores**. Mesmo empregando a potência de expoente unitário (1), teremos: perigo¹ = perigo, assim sendo, o valor de **n** será determinado pelo bom senso de quem utiliza o recurso e a equação citada no título deste texto está correta.

O Inesperado

Walter Argento

Junto aos destroços de uma vida plena,
dos mais variados pedestais de glórias,
aquele ser feliz, não mais acena,
do eterno amor, só restam as histórias.

braços inertes, ombros arqueados,
tristeza e dor estampam-se na face,
o triste homem, semiabandonado,
não tem mais sonhos, nem a mesma classe.

Se a cada dia nascem esperanças,
de renovar a vida claudicante,
e reviver as bem-aventuranças.

Sentir que o homem não é mais o mesmo,
mas guarda o amor, saudoso e deslumbrante,
forçoso é não mais viver a esmo.

Pedro Luiz Squilacci Leme

Cirurgia geral

Gastroenterologista

Coluna do livro



Atlas D'anatomie pathologique

Trata-se de primorosa obra de anatomia patológica, editada em 1871, pela Victor Masson et Fils, que se situava na Place de L'ecole-de-médecine, em Paris. É um atlas, a trazer imagens de várias moléstias, por exemplo, gastrite alcoólica, enterite tifoide, tuberculose, adenoma hepático, varizes das veias ovarianas, embolia pulmonar, meningite, encefalite, hemorragia cerebral, atrofia muscular e adiposa, gota, artrite deformante, osteomielite etc.

A obra é descritiva e as ilustrações são ricos desenhos detalhados em belíssimo colorido.

Contam-se sessenta planchas, as páginas não são numeradas, com encadernação da época, em bom estado, capa com lombada em couro necessitando restauro. O livro foi doado recentemente (30 de março de 2015) pelo médico Valmir Gomes Mirante.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.